

Teoria da mente e ciências cognitivas em *Sequência*, de João Guimarães Rosa

Theory of Mind and Cognitive Sciences in João Guimarães Rosa's "Sequence"

Felipe Fiuza *
East Tennessee State University - ETSU

Rosana Carvalho Dias Valtão *
Instituto Federal do Espírito Santo - IFES

169

RESUMO: Neste trabalho, nos propomos analisar o conto *Sequência*, de João Guimarães Rosa (2005[1962]), a partir das contribuições da Ciência Cognitiva Moderna, como estudada por Clark, Nagel, e Dennett, e da Teoria da Mente na literatura, com base nos estudos de Zunshine. Buscaremos um novo olhar para a produção Roseana, um olhar crítico que se desenvolveu a partir do início do século XX, com o avanço da ciência da computação e dos estudos da inteligência artificial, e depois com os estudos de psicologia, filosofia e neurologia, e que deu origem a esse campo multidisciplinar por excelência que são as ciências cognitivas. E por meio desse caminho, queremos repensar a complexidade das relações sociais reais, como interagimos corporalmente com nosso entorno, enfim iremos discutir o fenômeno chamado vida desde a perspectiva de uma vaca literária.

PALAVRAS-CHAVE Guimarães Rosa. Teoria da Mente. Ciências Cognitivas. Crítica literária.

ABSTRACT: In this paper, we discuss the short story *Sequência*, by João Guimarães Rosa, from the perspective of modern Cognitive Science, as studied by Clark, Nagel, and Dennett, and theory of mind in literature, as seen in Zunshine. We offer a new approach to the bibliography about Rosa, an approach that has its roots back in the beginning of the 20th century, with the advances in computer science and studies on A.I., and then joined by psychology, philosophy, and neurology, which became the multidisciplinary field known as cognitive sciences. It is through this path that we will rethink the complexity of social relations, how we embodied interact with our context, in other words, we will discuss the phenomenon called life but seen from the perspective of a literary cow.

* Doutor em Spanish Literature pela Purdue University.

* Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

KEYWORDS: Guimarães Rosa. Theory of Mind. Cognitive Science. Literary criticism.

Introdução

A obra de Guimarães Rosa tem sido alvo de pesquisas acadêmicas e da crítica literária ao longo da história; basicamente, são as representações de personagens, do meio sócio-histórico, do sertão, dos tipos sociais, ou as técnicas de escrita e a recepção dos textos por seus leitores que instigam as produções sobre o autor e sua produção. Neste trabalho, não nos deteremos a contextualizar a produção Roseana ou outros temas tradicionalmente abordados, como seu estilo único de escrita. Ao invés disso, iremos nos concentrar em aspectos cognitivos de sua obra a partir da perspectiva das chamadas ciências cognitivas, plurais porque multidisciplinares, mas precisamente a Teoria da Mente e a Cognição Incorporada.

170

Guimarães Rosa, em seus livros, trata de questões universais que cerceiam a vida das pessoas em contextos sociais e que são temas comuns que estão relacionados a questões epistemológicas, como a crise existencial, que se desenvolvem por meio de ascese - revelação de uma questão inusitada, da travessia que é responsável pela conquista da alegria e do amadurecimento do sujeito. Esses temas Roseanos e sua maneira de desenvolvê-los estão evidenciados no conto analisado neste trabalho e a Teoria da Mente é a base teórica usada para melhor compreendê-los.

A Teoria da Mente refere-se à capacidade de imaginar, compreender, explicar ou conhecer pensamentos, sentimentos, crenças e desejos, ou seja, por meio dela (da Teoria da Mente) podemos atribuir, observando as ações do sujeito, seu estado mental, sua intenção ou expectativa. Numa perspectiva da psicologia da educação, “A Teoria da Mente é uma capacidade sociocognitiva que emerge nos anos pré-escolares e que possibilita a compreensão dos estados

mentais (sentimentos, desejos, crenças, pensamentos e intenções), bem como a predição do comportamento próprio e alheio” (RODRIGUES & PIRES, 2010). É essa capacidade de percepção, embora falível, um dos mecanismos que usamos para construirmos nossas interações sociais. Se no campo da psicologia educacional essa teoria já está sendo estudada no Brasil, na área da literatura ainda estão começando. O que podem ensinar os personagens literários sobre essa habilidade?

Olhar para a ficção pelos olhos da Teoria da Mente pode oportunizar o desenvolvimento de nossa capacidade de imergir em um complexo de pistas sociais, escolhidas e inseridas nas obras por seus autores, que nos permitem decodificar sinais sociais na ficção e que se atrelam no mundo real. Segundo autores como Mark Turner, *The Literary Mind*, e Patrick Colm Hogan, *Affective Narratology: The Emotional Structure of Stories*, as ciências cognitivas ajudam a literatura a entender melhor esse processo na mesma medida em que a literatura ajuda as ciências cognitivas. Lisa Zunshine (2014) também explica sobre o uso dessa teoria na análise literária ao demonstrar que usar a teoria da mente na crítica da ficção se torna importante, já que as construções ficcionais são similares às nossas relações sociais, com isso podemos pensar também nas nossas interações sociais; nas palavras da autora “Both writing and reading fiction (as well as making and watching movies and plays) are thus profoundly social endeavors because they build on the same imperfect adaptations for attributing mental states that underlie our daily social interactions” (ZUNSHINE, 2014, p. 93) [Tanto ler como escrever ficção (assim como fazer e assistir filmes e obras teatrais) são comportamentos extremamente sociais, porque eles se desenvolvem por cima das mesmas adaptações imperfeitas ao atribuir estados mentais que determinam nossas interações sociais cotidianas]. Dessa forma, acreditamos que o conto de Rosa seja um excelente ponto de partida para pensar essas interações sociais, porque nos força a repensá-las. Por isso, neste artigo, nos propomos a analisar o conto *Sequência*, de Guimarães

Rosa (2005[1962])¹, a partir das contribuições das Ciências Cognitivas Modernas e da Teoria da Mente. Na próxima seção iremos explicar, primeiro, onde uma se posiciona em relação a outra.

As Ciências Cognitivas e a Teoria da Mente

As Ciências Cognitivas dão seus primeiros passos no século XX a partir do avanço da computação, em que se ambicionava compreender o funcionamento da mente humana para produzir uma inteligência artificial. Essa primeira vida das Ciências Cognitivas, ainda que primordial para o estado em que nos encontramos hoje, falhou, porque, como aponta Andy Clark (1999): “We ignored the fact that the biological mind is, first and foremost, an organ for controlling the biological body” (CLARK, *Being There*, p.1) [Nós ignoramos o fato de que a mente biológica é, antes de mais nada, um órgão que controla o corpo biológico]. Se não há mente sem corpo, uma “inteligência artificial” plena, como prometida por Asimov ou como representado por Kubrick se faz impossível. Mas a busca por uma solução para essa impossibilidade motivou, tem motivado e, acreditamos, motivará ainda muita pesquisa sobre o que se passa na mente. Uma das teorias surgidas desse impulso foi a Teoria da Mente, aqui usada no âmbito da literatura.

A Teoria da Mente na crítica literária permite compreender o comportamento humano em suas interações sociais, é uma forma de recriar a vida social real e compreender a complexidade sociocognitiva por meio da produção ficcional, já que ela permite, entre outras coisas, mais tempo para reflexão. Nós, enquanto leitores, podemos ler e pensar sobre o que os personagens estão dizendo, fazendo e, até, sentindo e pensando. Prova disso, na literatura brasileira, são

¹ Todas as citações do conto analisado - *Sequência* - foram retiradas da obra: ROSA, Guimaraes. Primeiras Estórias. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005 [1962]; e serão referenciadas somente com a página que contém a citação para contribuir com a celeridade do texto.

os mistérios de personagens como Capitu. Lisa Zunshine (2011), pensadora da teoria da mente, explica que ao produzir sua narrativa o escritor estabelece quais engendramentos sociais serão representados por seus personagens e poderão ser percebidos por seus processos mentais. Ou seja,

The cognitive informs the social and vice versa. To the extent to which triadic mind reading calls for a hierarchization of mental complexity, writers have to decide, not necessarily consciously, which characters will carry on complex mind-reading reflections and which will have to settle for simpler ones. This decision could be informed by considerations of social class, of gender or race, or of any other parameter reflecting current ideological investments of the society. (ZUNSHINE, 2011, p.179)

[O cognitivo informa o social e vice-versa. Ao ponto de que a leitura de mentes triádicas exige uma hierarquização da complexidade mental - escritores tem que decidir, não necessariamente conscientemente, que personagens irão construir reflexões complexas de leituras da mente e quais terão que se conformar com outras mais simples. Essa decisão pode ser determinada por considerações sobre a classe social, gênero ou raça, ou ainda por qualquer outro parâmetro que reflita correntes ideológicas atuais da sociedade.]

A autora ainda explica, em *Why do we read fiction?* (ZUNSHINE, 2006), que por meio da leitura de ficção podemos desenvolver nossa capacidade de imergir em um complexo de pistas sociais, escolhidas e inseridas nas obras por seus autores, que nos permitem decodificar sinais sociais na ficção e observar como se atrelam ao mundo real.

Além da Teoria da Mente, outros conceitos importantes da Ciência Cognitiva contribuirão para nossa análise neste trabalho, entre eles temos a) *conceptual blending* - mistura de conceitos; b) *framing*² - enquadramento e análise de situações a partir de um viés ideológico individual, de diferentes perspectivas, depende do indivíduo que analisa; c) *embodied cognition* (cognição incorporada) - propõe o conceito de *enaction* (atuação corpórea) em que todos os tipos de ação são considerados cognição e toda cognição é corporal, e rompe

² Nossa visão sobre “conceptual blending” e “framing” está baseada em FAUCONNIER, Gilles, & TURNER, Turner. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Nova Iorque, Basic Books, 2002.

com a divisão do ser em corpo (matéria) e alma (consciência) de Descartes, demonstrando que corpo, mente e cérebro não podem ser vistos, analisados e pensados separadamente, da mesma forma a separação entre homem e natureza; d) *autopoieses* como um sistema de ser autor de si mesmo em um processo de construção e interação com o meio externo por meio do sistema de cognição.

De todos esses, para este trabalho, talvez o mais importante conceito seja o de Cognição Incorporada, porque acreditamos não haver possibilidade de leitura da mente sem corporalidade. Pensemos, por exemplo, no argumento decisivo do neurocientista Antonio Damasio (1999): “You might want to consider an amusing piece of evidence, at this point. For every person that you know, there is a body. You may never have given any thought to this simple relationship but there it is: one person, one body; one mind, one body - a first principle. You have never met a person without a body” (142) [Talvez você queira considerar uma pista interessante, nesse momento. Para cada pessoa que você conhece, há um corpo. Talvez você nunca tenha pensado nessa relação simples, mas é um fato: uma pessoa, um corpo; uma mente, um corpo - um princípio básico. Você nunca conheceu uma pessoa sem um corpo]. De maneira que não há mente, pensamento, sem corpo, ou corpo, vivo, sem mente.

Nesse contexto, qualquer perspectiva cartesiana de separação entre corpo e mente se torna impossível, porque, de fato, tal divisão não existe, porque uma coisa leva a outra. Veja-se, outro exemplo, essa perspectiva do filósofo Andy Clark: “Completing a jigsaw puzzle thus involves an intricate and iterated dance in which “pure thought” leads to actions which in turn change or simplify the problems confronting ‘pure thought.’” (CLARK, 1999, p. 36) [Completar um quebra-cabeça envolve uma intrincada e repetitiva dança na qual o “pensamento puro” leva a ações que em câmbio mudam ou simplificam os problemas confrontados pelo “pensamento puro”].

Clark usa a expressão “pensamento puro” entre aspas porque tal coisa não existe. O tempo todo se age e se pensa ao mesmo tempo, porque agir é pensar e pensar é agir. A esse processo, que não iremos discutir em profundidade, se dá o nome de “ciclos de ações”, “*action loops*”. A leitura da mente nasce, então, de nossa experiência pessoal, de nossa mente/corpo incorporados, a medida em que cada pessoa atua dentro de seu contexto - é a esse processo que Maturana e Varela (1992) dão o nome de *autopoiesis*. Varela, junto com Thompson e Rosch, esclarece para que não haja dúvida sobre o significado dessa ação incorporada:

Let us explain what we mean by this phrase embodied action. By using the term embodied we mean to highlight two points: first, that cognition depends upon the kinds of experience that come from having a body with various sensorimotor capacities, and second, that these individual sensorimotor capacities are themselves embedded in a more encompassing biological, psychological, and cultural context. By using the term action we mean to emphasize once again that sensory and motor processes, perception and action, are fundamentally inseparable in lived cognition. Indeed, the two are not merely contingently in individuals; they have evolved together. (VARELA et al, 1991, p. 172-173)

175

[Deixe-nos explicar o quê queremos dizer com essa expressão ação incorporada. Ao usar o termo incorporada queremos destacar duas coisas: primeiro, que essa cognição está baseada no tipo de experiência que vem de se ter um corpo com várias capacidades sensoriais e motoras; e segundo, que essas capacidades sensoriais e motoras individuais estão elas mesmas inseridas dentro de um mais amplo contexto biológico, fisiológico e cultural. Ao usar o termo ação nós queremos enfatizar uma vez mais que os processos sensoriais e motores, percepção e ação, são fundamentalmente inseparáveis na cognição viva. De fato, eles não são meramente contingentes aos indivíduos, mas evoluíram juntos.]

Varela com Maturana, *The Tree of Knowledge* (1992), havia discutido essa organização sistêmica a partir do nível celular. Quer dizer, como cada única célula irá inventar a si mesma dentro de seu contexto ao atuar e conviver dentro do mesmo. Na obra citada acima, ele tenta, junto com Thompson e Rosch (1991), extrapolar o conceito partindo da biologiae chegando ao Budismo³. Para

³ Interessantes, além da filosofia budista, a prática da meditação, porque segundo sua perspectiva “its purpose is to become mindful, to experience what one’s mind is doing as it

este artigo, no entanto, nos iremos limitar às consequências dessa afirmação para as relações autopoieticas da vaca e do cavaleiro e seu acoplamento estrutural um com o outro e com o meio que os cerca, as leituras das mentes que fazem um do outro e como se dão esses processos.

Sequência e a complexidade sociocognitiva das relações sociais

O conto *Sequência* faz parte da coletânea de contos *Primeiras histórias*, publicada em 1962, com vinte e um contos. O título do conto (sequência: seguimento, continuação, sucessão, cadeia de algo (HOUAISS, 2011)) aponta para as questões que percorrem a narrativa: um rapaz que persegue uma vaca fugida e a sucessão de fatos que permitem a continuação da história dos dois; Cirurgião (1986) explica, ainda, que o título da obra refere ao que acontece depois dessa sequência de fatos, como o resultado “o encontro do amor, por parte do rapaz, é uma (con)sequência da sua sequência da vaca” (p. 21). Motta (1999) explica que *Sequência* faz parte dos contos de Rosa em que o título do texto faz referência ao enredo da obra.

O texto de Guimarães Rosa narra, em terceira pessoa, a história de uma vaca vermelha que pertencia ao Major Quitério, dono da fazenda Pãodolhão, ‘sua [da vaca] querência’. O animal havia sido vendido junto com outras vacas e estava sob a posse de ‘seu Rigério, o dono da Pedra’. Entretanto, na primeira oportunidade a vaca foge dos domínios do dono da Pedra rumo às terras de

does it, to be present with one’s mind. What relevance does this have for cognitive Science? We believe that if cognitive Science is to include human experience, it must have some method for exploring and knowing what human experience is” (VARELA et al, 1991, p. 23) [Seu propósito é a concentração mental ao ponto de experimentar o que sua mente está fazendo ao mesmo tempo em que ela o faz, quer dizer, estar presente dentro de sua própria mente. Qual a relevância disso para a ciência cognitiva? Acreditamos que para que a ciência cognitiva possa incluir a experiência humana, a primeira deve ter algum método para explorar e saber o que é a experiência humana].

Pãodolhão. A empreitada de captura do animal fica por conta de um dos filhos do senhor Rigério.

O conto, ambientado nas belezas do sertão, se desenrola com a travessia - tema recorrente em Rosa - da vaca e do vaqueiro até chegar às terras do Major. Com desfecho surpreendente, rompendo com a expectativa do jovem vaqueiro e do leitor do texto, a vaca retorna ao seu lugar enquanto o jovem descobre o seu lugar ao se apaixonar pela filha do major - decidindo por dizer-lhe que a vaca se tratava de um presente para ela.

Antônio A. Cirurgião (1986), ao analisar o conto em questão, chama a atenção para o trabalho de Rosa para a travessia da prisão para liberdade, da morte para a vida por meio da simbologia da noite para o dia (“[...] a vaquinha se fugira, da Pedra, madrugadamente - entre o primeiro canto dos melros e o terceiro dos galos - o sol saindo à sua frente [...]” (ROSA, 2005, p. 107-108), das trevas para a luz (“A vaca surgia-se na treva. [...] A um bago de luz, lá, lá. Às luzes que pontilhavam, acolá, as janelas da casa, grande.” (p. 110), do Ocidente para o Oriente (“Indo de oeste para leste” (p. 108)). Motta (1999) descreve essa travessia marcada ainda por outras oposições como a questão da pedra versus o pão - fazendo referência ao lugar de partida e de chegada, a Pedra e a fazenda Pãodolhão. Gostaríamos de destacar aqui as diversas referências “a luz,” necessária para que se possa ver plenamente, em tudo que se refere a vaca. Retomaremos isso posteriormente.

Outro ponto que Cirurgião (1986) apresenta é a escolha de Rosa pela cor da vaca, ela era uma vaca vermelha, cor símbolo de sacrifício e do amor, uma referência do amor da vaca por sua terra natal, e o ainda não conhecido amor do rapaz pela moça. Wilberth Salgueiro (2018) analisa a alegoria de sentidos com o uso das cores construída por Guimarães Rosa na obra *Magma* (1997). Em sua análise, Salgueiro (2018) explica a questão da cor vermelha presente na escrita Roseana comumente ligada à representação do amor, sangue, fogo, erotismo, pecado, paixão, luxo e intensidade. Pode-se, com isso, refletir sobre

a escolha de Rosa para a cor da vaca: o amor entre jovens que se conhecem no final da obra, o amor da vaca por sua querência, a intensidade experimentada por ambos durante a travessia, entre tantas outras construções possíveis. Porém, há ainda o jogo do “vermelho” como a cor da bandeira usada por um toureiro em uma tourada. Lá, diferentemente de no conto de Rosa, é o boi, cego de raiva por ser maltratado, quem persegue o toureiro. Nesse contexto o “vermelho,” para além de alvo, serve para disfarçar o sangue do animal em seu algoz. Esse jogo de quem vê e quem está cego, reforça mais uma vez as referências já citadas sobre a associação da vaca à luz e terá repercussões ao longo do conto.

O narrador de *Sequência* inicia a história descrevendo o caminho percorrido pela vaca, “Na estrada das Tabocas, uma vaca viajava. Vinha pelo meio do caminho, como uma criatura cristã.” (p. 107), uma análise crítica tradicional nos sugeria, talvez, a análise do uso da comparação ‘como uma criatura cristã’, ou se debruçaria sobre o trabalho de criação literária e a manipulação da palavra na busca pela fala do sertanejo. Por outro lado, ao nos apoiarmos nas noções conceituais da Teoria da Mente, deparamo-nos com o trabalho cognitivo de Rosa desenvolvido em toda obra.

Primeiro, a ‘vaca viajava’; ao fazer tal afirmação o autor permite-nos, a partir da Teoria da Mente (*Theory of mind*), supor que o animal sai do lugar em que estava (a Pedra) com destino certo para onde ir (Fazenda Pãodolhão); ela não fugia, ela viajava; seu comportamento demonstra que ela tinha uma intenção, tinha um objetivo - estabelece movimento; ela constitui aquilo que é importante para si, o que é revelado linhas depois “Seguia, certa: por amor, não por acaso”. Pode-se dizer, então, que segundo a perspectiva de Zunshine (2011), Rosa, consciente ou inconscientemente, nos convida a construir a teoria da mente da vaca, ao atribuir-lhe intencionalidade, ir de uma fazenda a outra, e sentimento, o amor.

Cirurgião (1986), ao falar da sequência dos fatos pelo regresso da vaca, explica que Rosa procura demonstrar o instinto de sair da Pedra - o exílio - e ir regressar para a Fazenda como uma postura que “faz parte da psicologia humana e da tradição religiosa, histórica e literária” (CIRURGIÃO, 1986, p. 21), como desejo de retornar para sua casa, sua terra, seu povo. Rosa atribui não só características físicas específicas do ser humano para o animal, mas o autor lhe atribui características sociocognitivas, tais como bairrismo, telúrio, ou seja, amor ao lugar que morava, reconhecimento do caminho de volta, entre outras. Outra questão interessante é que a vaca ainda consegue atuar ‘como uma criatura cristã’ pelo caminho. Neste ponto, o autor evoca uma metáfora cultural para descrever a atitude da vaca - ser passivo, bondoso - e, ao mesmo tempo, estrutura aqui um Conceito da Ciência Cognitiva o *conceptual blending* (mistura de dois conceitos), em que vaca e uma pessoa religiosase misturam em um só conceito, o da criatura cristã. Turner e Fauconnier (2002) explicam “conceptual blending,” mistura de conceitos, a partir de vários exemplos, deixando claro que os exemplos, ainda que cuidadosamente desenvolvidos, não devem ser lidos como a parte mais importante de sua retórica já que “(...) blending is an invisible, unconscious activity involved in every aspect of human life.” (TURNER; FAUCONNIER, 2002, p. 18) [a mistura é uma atividade invisível e inconsciente envolvida em cada aspecto da vida humana]. Porém, para efeito ilustrativo, iremos citar um de seus exemplos. A área de trabalho do computador se chama em inglês desktop, porque é um *blend* das coisas que realmente se encontravam em cima de uma mesa de escritório, calculadora, páginas, arquivos, pastas etc. Fauconnier e Turner (2002) vão além dizendo que “How thoroughl your conscious apprehension is limited to the blend depend son the kind of activity that blending serves. In the case of sensation and perception, our conscious experience comes entirely from the blend - we “live in the blend,” sotospeak.” (TURNER; FAUCONNIER, 2002, p. 83) [O quanto a nossa compreensão consciente é limitada à mistura depende do tipo de atividade que a mistura permite. No caso de sensações e percepções, nossa experiência consciente vem completamente da mistura - nós “vivemos na

mistura,” por assim dizer.] De maneira que a viagem da vaca pode se converter em romaria, dependendo do enquadramento que se dê ao caso.

Porém, uma vaca não é uma pessoa e personagens literários tampouco. Não estamos, é claro, afirmando aqui o contrário. Apenas os estamos tratando, como convida Mancing⁴, como se fossem animais, dotados de corpo e mente. Um outro exemplo de animal filosófico da literatura, um animal em que o autor nos convida a construir sua teoria da mente, é Rocinante, cavalo de Dom Quixote. Como Fiuza escreve em sua tese de doutorado:

The fact that Cervantes deliberately and directly writes that the horse is “en pelota,” naked, points exactly to our category of embodied beings by anthropomorphizing an animal - since animals usually are naked and no one mentions it because it is assumed that being naked is their natural situation. In other words, the only animal who is usually described as naked is the human. Now, by describing Rocinante, to use the same verb as Ortega y Gasset, as a “naked horse,” Cervantes emphasizes that humans are all still embodied animals even with our clothes on. (FIUZA, 2017, 160-161)

[O fato de que Cervantes deliberadamente e diretamente escreve que o cavalo está “pelado,” nu, aponta exatamente para nossa condição de seres incorporados ao personificar um animal - já que animais usualmente estão nus e ninguém faz menção a isso porque assume-se que estar nu é seu estado natural. Em outras palavras, o único animal que é usualmente descrito como nu é o humano. De maneira que ao descrever Rocinante, para usar a mesma expressão que Ortega y Gasset, como um “cavalo nu,” Cervantes enfatiza que humanos são apenas animais incorporados mesmo quando estão de roupa].

Na passagem, Fiuza (2017) discute o desejo de Rocinante de “refocilar-se,” lambuzar-se mesmo, com as “senhoras” éguas que pastavam. Se no caso de Cervantes o cavalo que tenta ter relações sexuais, e não “reproduzir” como se nota pelos verbos e adjetivos usados, tem efeito cômico, no caso de Rosa, a vaca “criatura cristã” prepara o terreno para a romaria, viagem de penitência, que ela irá enfrentar. A trajetória da vaca ao longo da travessia como é vista pelo narrador da estória permite pensar em sua postura como ser atuando de

⁴ Para mais sobre personagens literárias e cognição veja Mancing, Howard. *Autopoiesis and Embodied Cognition in Don Quijote*.

acordo com as expectativas do meio, de um ser que não está fugindo; ela consegue dialogar com sua ação, o conceito *embodied cognition* (cognição corporal), principalmente a noção de *enaction* (VARELA et al., 1991, p. 214), é fundamental para compreendermos a genialidade de Guimarães Rosa no conto. *Enaction* é a atuação corpórea, é a atuação além do ato, é dialogar com o ato, a atitude do animal é uma representação de seu processo de envolvimento com o meio, Varela et al. (1991, p. 198) deixam claro que não podemos separar o ser do meio ambiente, sua atuação, seu desenvolvimento e evolução se constituem em um processo dialógico em que o meio interfere no ser e o ser interfere no meio. Mas podem Cervantes e Rosa saber como é ser, a experiência epistemológica, um cavalo e uma vaca? Não, segundo Thomas Nagel (1974) em seu clássico ensaio “*What is like to be a bat?*” [Como é ser um morcego?]⁵. Nesse texto, Nagel chega à conclusão de que é impossível saber como é ser um morcego justamente porque não temos um corpo de morcego, por isso nos é impossível vivenciar a realidade da mesma maneira que um morcego o faz. Ou mesmo o que outras pessoas fazem: “In the Nagel sense, we never can know what is like to be a bat. We can not even know what is like to be another human, especially some one whos has very diferente experiences from ourselves, such as a blind person.” (O’CONNELL, *Mind reading*, 1998, p. 33) [No sentido de Nagel, nós nunca poderemos saber como é ser um morcego. Não podemos nem saber como é ser outra pessoa, especialmente alguém que tenha experiências bem diferentes de nós mesmos, por exemplo uma pessoa cega]. Ou um sertanejo. Ou um cavaleiro medieval em La Mancha. O que se pode fazer, por meio da leitura da mente e da literatura por exemplo, é criativamente imaginar como isso seria. E tanto Rosa como Cervantes fazem isso muito bem.

Vejamos outro fragmento do texto “[...] Se encontrava cavaleiros, sabia deles se alonjar, colada ao tapume, com disfarces: sonsa curvada a pastar, no sofrido simulamento. Léngua adiante, entanto, nos Antônios, desabalava em galope,

⁵Disponível na íntegra em português em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100014>.

espondongada, ao passar por currais, donde ouvia gente e não era ainda o seu termo” (p.107). A noção de Teoria da Mente pode nos ajudar entender a sagacidade da vaca em ‘sonsa curvada a pastar, no sofrido simulamento’: o animal deixa a ferocidade e o ritmo acelerado da viagem que até então era descrito e atua diante dos cavaleiros para fazê-los pensar que ela era uma vaca daquela cercania e não uma rês fujona; ou seja, a vaca consegue agir de acordo com as expectativas alheias, de acordo com o que as outras pessoas (os cavaleiros) estão pensando, uma vaca em uma corrida desesperada é um provável animal em fuga, mas um animal pastando tranquilamente pertence àqueles arredores. A vaca é capaz de construir a teoria da mente daqueles que a cercam e agir segundo suas expectativas. Sua “visão” da mente dos outros é, de certo, iluminada por Rosa nas referências citadas ao início da discussão. Tudo para ela é claro.

Em nosso entendimento, não temos aqui um mero processo de antropomorfização ou personificação. A vaca não só se comporta como um ser humano, mas sua atuação é baseada nas expectativas das outras pessoas; se ela continua correndo, imediatamente eles a identificariam como um animal em trânsito, fugido, perdido, mas ao se comportar assim - pastando - ela sabe que a confundiriam como um animal daquele local, o animal consegue, como Zunshine (2011) explicou, desenvolver um complexo de pistas sociais com seu comportamento de tal maneira que os cavaleiros decodificam esses sinais da maneira que o animal queria. O enquadramento (*framing*) da vaca para a situação, fujona versus pastando, se dá como forma de sobrevivência e/ou manutenção de sua perspectiva.

Ao mesmo tempo, os cavaleiros leem o comportamento do animal e decodificam sua situação de acordo com o que a vaca queria que eles entendessem: um animal pastando não estaria fugindo de alguém. A capacidade de a vaca ter uma ação que não reflita suas expectativas reais, ou seja, há um ‘simulamento’, nas palavras de Rosa. Zunshine (2006) explica a vulnerabilidade da teoria da

mente em nossas ações sociais, “Attributing states of mind is the default way by which we construct and navigate our social environment, incorrect though our attributions frequently are” (ZUNSHINE, 2006, p. 6) [Atribuir estados mentais é a maneira padrão pela qual construímos e interagimos com nosso ambiente social, por mais incorretas que sejam nossas atribuições], e, com isso, revela também a fragilidade ao tentarmos decifrar as intenções verdadeiras a partir das ações dos sujeitos. Para usar a terminologia empregada por Zunshine (2006) e Dennett (1996), a vaca possui mais níveis de intencionalidade que os cavaleiros - ou que o cavaleiro-rapaz que a persegue como mostraremos adiante. Ela SABE que se os cavaleiros PERCEBEREM que ela está correndo desesperada irão PENSAR que ela é uma rês fujona e por isso DISSIMULA para assim garantir que eles irão ACHAR que ela é apenas outra vaca qualquer⁶. Além disso, a vaca aprendeu por meio de sua atuação anterior, autopoeticamente, a necessidade de dissimular, porque no início do mesmo parágrafo do conto se diz: “No Arcanjo, onde a estrada borda o povoado, foi notada, e, vendo que era uma rês fujã, tentaram rebatê-la; se esvencilhou (p. 107)”. Ou seja, é essa atuação anterior que explica a capacidade da vaca de desenvolver esses níveis de intencionalidade. Em outras palavras, como explica Motta (1999), para atingir seu regresso o animal e o jovem precisam vencer vários obstáculos ao longo da travessia e que são esses obstáculos vencidos que permitiram o amadurecimento, a descoberta de si e o sentido da vida.

A Teoria da mente também permite compreender a atuação da vaca, e do rapaz, no seguinte fragmento:

O rapaz lançou longe um olhar. De repente, ajustou a mão à testa, e exclamou. Do ponto, descortinou que: aquela. A vaquinha,

⁶ Para mais sobre níveis de intencionalidade veja Dennett, Daniel C. *The Intentional Stance*. Cambridge: The MIT Press, 2006 e Zunshine, Lisa. *Why We Read Fiction: Theory of Mind and the Novel*. Columbus, Ohio: Ohio State University Press, 2006. A explicação de Zunshine para níveis de intencionalidade já se tornou clássica. Ela a usa um episódio da sitcom americana Friends em que Joey se desespera ao tentar esconder que SABE que Rachel e Phoebe SABEM que Mônica e Chandler SABEM que Rachel e Phoebe SABEM que eles estão tendo um caso, enquanto os dois grupos tentam forçar um ao outro a confissão de sua sapiência.

respoeirando. Aí e lá, tomou-a em vista. O vulto, pé de pessoa, que a cumeada do morro escalava. Ver o que diabo. Reduzida, ocupou, um instante, a lomba linha do espigão. Aí, se afundou para o de lá, e se escondeu de seus olhos. Transcendia ao que se destinava. (p. 109)

Neste fragmento, há o encontro entre o rapaz (o carrasco) e a vaca; a atitude da vaca - ‘Aí, se afundou para o de lá, e se escondeu de seus olhos. Transcendia ao que se destinava’ - demonstra reconhecimento da intenção do homem; sua atuação demonstra que ela consegue diferenciar a postura desse cavaleiro em relação a dos outros anteriormente encontrados; a vaca consegue a partir do comportamento do jovem fazer a leitura de sua mente e decodificar pelas pistas sociais sua expectativa e desejo. O olhar do rapaz, sua experiência sensorial, se apresenta como menos efetivo que o da vaca. Isso faz sentido se levar em consideração a perspectiva de Lisa Zunshine (2020), no artigo “Mind reading and social status” [Leitura da mente e condição social] em que demonstra, por meio de inúmeros exemplos, como personagens literários que são apresentadas como inferiores socialmente em relação aos outros personagens de uma história costumam ser melhores leitores da mente em seus contextos - acho que o exemplo máximo da literatura brasileira, este nosso e não de Zunshine, seria o João-Grilo, de Ariano Suassuna. Isso é assim porque esses personagens precisam ser capazes de imaginar criativamente o que os outros estão pensando para que possam sobreviver. Zunshine discute também textos em que esses papéis aparecem invertidos e associa essa inversão à ideologia das autoras como iremos discutir na conclusão deste texto.

Simon Baron-Cohen (1997) discute o autismo desde a perspectiva da teoria da mente. Muito se há questionado as conclusões a que chega Baron-Cohen em seu livro e o mérito de sua pesquisa no que diz respeito à comunidade autista⁷,

⁷ Simon Baron-Cohen vem desde os anos 80 publicando e estudando a teoria da mente em relação ao autismo. Segundo sua perspectiva, resumida no livro *Mindblindness: na Essay on Autism and Theory of Mind*, pessoas autistas, dependendo do grau do autismo, tem dificuldade para formar uma teoria da mente de outras pessoas - ou mesmo lhes é impossível. Baron-Cohen diz que o autismo é um fenômeno relacionado ao cérebro masculino e vê o fenômeno como uma super-manifestação do mesmo. Pessoalmente, discordamos das conclusões de Baron-Cohen e estamos mais inclinados a concordar com Melanie Yergeau (2018)

porém sua descrição do processo da construção de uma teoria da mente diz muito sobre a função corporal, mais precisamente sobre a questão visual. Baron-Cohen divide esse processo em 4 etapas: detector de direção do olhar (DDO); mecanismo de atenção compartilhada (MAC); detector de intencionalidade (DI); e mecanismo da teoria da mente (MTM). Diz ele que “The four mechanisms I will describe can be thought of as four separate components of the human mind reading system [...] These mechanisms roughly reflect four properties of the world: volition, perception, shared attention, and epistemic states” (BARON-COHEN, 1997, p. 31). [Os quatro mecanismos que eu descrevi podem ser pensados como quatro componentes separados do sistema de leitura da mente humana (...) Esses mecanismos refletem grosso modo quatro propriedades do mundo: arbítrio, percepção, atenção compartilhada, e estados epistemológicos]. Os nomes dos mecanismos são quase autoexplicativos, porém iremos elaborar um pouco. Segundo as pesquisas realizadas por Baron-Cohen, crianças autistas conseguem passar pelas etapas 1 & 2, porém tem problemas nas etapas 3 & 4. Nessa perspectiva de Baron-Cohen, a vaca é capaz de construir com sucesso a teoria da mente do vaqueiro porque passa por essas quatro etapas. Ela detecta a direção do olhar do cavaleiro (DDO), percebe que os dois, tanto ele quanto ela, estão prestando atenção na mesma coisa, ela mesma (MAC); entende que o cavaleiro quer levar de volta (DI); e por tudo isso decide se esconder (MTM). Outra vez, a vaca vence pelo olhar.

Não é possível compreender toda genialidade de Rosa se desconsiderarmos a correspondência entre o ser e o meio ambiente nesse processo de sobrevivência

que em seu *Authoring Autism: On Rhetoric and Neurological Queerness* debate as teorias de Baron-Cohen mostrando que essas duas afirmações são reducionistas e erradas partindo de dois fatos simples: primeiro, há mulheres e membros da comunidade LGBTQ autistas; e segundo, os testes usados por Baron-Cohen ao longo dos anos para corroborar tal afirmação, por exemplo o teste da “falsa crença,” não deveriam servir de parâmetro para determinar que o desenvolvimento de uma teoria da mente de uma criança autista é inferior ao de outras crianças já que muitas crianças apresentam resultados similares pelos mais distintos motivos - contexto, crianças desnutridas ou que cresceram num ambiente nocivo; crianças com síndrome de down; crianças cujos pais consumiram drogas e/ou álcool, etc.

e evolução (VARELA et al., 1991, p. 194), a vaca vê a necessidade de se esconder nesse momento, ela percebe o contexto social e só podemos afirmar isso por meio da Teoria da Mente. Para compreendermos melhor a atuação da vaca nestes dois fragmentos, há necessidade de pensarmos nos conceitos de “*enaction*,” atuação, e “acoplamento estrutural” ambos relacionados ao conceito de “*autopoiesis*.” A *autopoiesis*, segundo Maturana e Varela (1992), refere-se ao processo contínuo de autocriação de cada ser vivo. Esse processo se dá a partir da atuação do indivíduo dentro de seu contexto com o qual realiza “acoplamentos estruturais”. Varela et al (1991, p. 213) aprofundam essas ideias e discutem a importância da corporalidade em que a atuação do ser se dá por sua história que é a junção, seu “acoplamento estrutural,” de sua atuação com o meio ambiente; em outros fragmentos do conto esse conceito também fica claro: “Apressava-se nela o empolgo de saudade que adoce o boi sertanejo em terra estranha, cada outubro, no prever os trovões.” (p. 108); aqui ao invés do olhar a habilidade sensorial da vaca usada para interagir com seu meio é a audição, os trovões - curiosamente, não há referência ao céu escuro que costuma acompanhá-los; e “Agora, lá num campal, outras vacas se avistavam. Olhava-as: alteou-se e berrou – o berro encheu a região tristonha. O dia era grande, azul e branco, por cima de matos e poeiras. O sol inteiro.” (p. 108), mais uma vez, o olhar da vaca é soberano para que possa acoplar-se estruturalmente ao meio. A “Região tristonha,” prisão, sem o prazer de ir em busca de sua liberdade, o narrador propõe interpretar a “fala” da personagem diante da realidade vista: “outras vacas num campal se avistavam”.

O conceito de *enaction* entende o ser como sendo parte do meio ambiente, não como receptor, mas provocador das mudanças e automaticamente construtor do mundo em uma visão uma mente incorporada (*autopoiese* e dialógico). Thompson (2007) explica o sistema de *autopoiese* presente em todo sistema vivo, assim como o sistema cognitivo, responsável por sua relação com seu meio, como um sistema de organização que define um domínio de interações em que ele pode atuar com relação à manutenção de si, vejamos “From this

perspective, individual organisms are seen not only as members of reproductively linked populations, but also as beings that interact constructively with their environments, and so change the world in which they and their descendants live” (THOMPSON, 2007, p. 95) [Nessa perspectiva, os organismos individuais são vistos não apenas como membros de populações reprodutivamente ligadas, mas também como seres que interagem construtivamente com seus ambientes e, assim, mudam o mundo em que eles e seus descendentes vivem]. Havia no animal um sentimento que o impulsionava na travessia e o impedia de aceitar a nova condição determinada (viver longe de Pãodolhão), e é esse sentimento de busca pela liberdade que parece ecoar com seu berro diante das outras vacas que passivamente parecem receber o que lhes é imposto. Mas ela, assim como nós, não pode imaginar o que as outras vacas estão pensando. Seria injusto e impossível, segundo Nagel (1974). A vaca está limitada à sua própria experiência de mundo, que pode ocorrer, claro, também afetando a vida do outro, e afetada por ela, como ocorre com ela e o cavaleiro. Se não fosse a sequência de sua atuação de seguir a vaca porque PENSAVA que seu pai iria ficar feliz quando SOUBESSE que ele conseguiu recuperar a vaca, o que não ocorre, a sua vida não teria sido afetada. Da mesma maneira se não decidisse dar a vaca de presente para a filha do major porque ACHAVA que isso aumentaria suas chances com ela, talvez a vaca tivesse que voltar à fazenda inicial. De modo que, em *Sequência*, podemos perceber a interação das vozes humanas e não-humanas no meio ambiente:

lam-se, na cegueza da noite – à casa da mãe do breu: a vaca, o homem, a vaca – transeuntes, galopando. – “Onde então o Pãodolhão? Cujo dono? Vinhase a qual destinatário?” Pelas vertentes, distante, e até ao cimo do monte, um campo se incendiava: faíscas – as primeiras estrelas. O andamento. O rapaz: obcego. Sofria como podia, nem podia mais desespero. O arrepio negro das árvores. O mundo entre as estrelas e os grilos. Semiluz: só estrelas. Onde e aonde? A vaca, essa, sabia: por amor desses lugares. (p. 110)

Vaca e homem se comunicam: ele assustado no meio do mato, perdido na escuridão na noite; enquanto a vaca demarcava o caminho; ambos agora

possuem identidade no olhar, olham para a mesma direção: ela - chegar à Pãodolhão, ele - escapar desse ambiente metaforicamente selvagem para si. O jovem decodifica pelo comportamento da vaca que ela sabia o que estava fazendo e a segue com o intuito de sair daquela situação. Destaca-se, entretanto, as referências a cegueira e a escuridão que se relacionam magistralmente ao rapaz. Isso reforça sua limitação a três níveis de intencionalidade, enquanto a vaca chega a cinco. É ela quem sabe, na passagem, o caminho. É ela quem melhor se acopla estruturalmente ao contexto da romaria.

A interação entre as personagens e a interferência do meio em sua atuação pode ser vista em

O rapaz desapeava. Sob o estúrdio atontamento, começou a subir a escada. Tanto tinha de explicar. Tanto ele era o bem-chegado! A uma roda de pessoas. Às quatro moças da casa. A uma delas, a segunda. Era alta, alva, amável. Ela se desescondia dele. Inesperavam-se? O moço compreendeu-se. Aquilo mudava o acontecido. (p. 111)

188

O narrador explicita que o contexto interfere na postura do rapaz e naquele momento ele ‘compreende-se’, ou seja, ele se faz, se constitui como homem, constituiu sua história; o encontro dos jovens ‘mudava o acontecido’. O jovem, a partir da Teoria da Mente, identifica as pistas sociais por meio do comportamento de uma das moças e decifra os sentimentos e intenções dela, mas também consegue interpretar seus próprios sentimentos com base em sua consciência proprioceptiva, como explicou Zunshine (2006, p. 6). É a moça, porém, quem se “desescondia” dele. Mais uma vez, o jogo entre o claro e o escuro. Ela precisa se mostrar para que ele a possa ver, para que ele possa imaginar, compreender, suas intenções. É improvável que a vaca lhe tenha dito algo, mas mais uma vez se reforça a perspectiva de Zunshine de que muitas vezes, tanto na vida real como na literatura, são as camadas sociais mais baixas as que obtêm maior sucesso como leitores de mentes.

Palavras Finais

Zunshine (2011) explica que a partir da teoria da mente ou da leitura da mente nós somos capazes de compreender o pensamento das pessoas, ou seja, trata-se de “our evolved cognitive adaptation for explaining people’s behavior in terms of their mental states: thoughts, desires, intentions.” (ZUNSHINE, 2011, p. 92). [“Nossa adaptação evolutiva cognitiva para explicar o comportamento das pessoas em termos de seus estados mentais: pensamentos, desejos, intenções”.] Seria uma vaca capaz de tanto? Provavelmente não, já que há uma distância evolutiva entre um ser humano e uma vaca. Há estudos sobre teoria da mente em animais? Sim, talvez, as pesquisas de Sanjida O’Connell sobre a teoria da mente em chimpanzés sejam as mais conhecidas e influentes na área. Possuem a desvantagem de alinhar-se diretamente aos estudos de Baron-Cohen e reproduzir na íntegra as convicções mais fortes dele. O’Connell (1998) diz, por exemplo, que

“Chimpanzees over the age of six might also be able to understand that if you are visually connected to a situation, you are paying attention, and that seeing leads to knowing, whereas not seeing leaves a person in ignorance. However, it is not clear whether chimps are using a complex set of rules or whether they do have a full mental awareness” (O’CONNELL, 1998, p. 105)

[Chimpanzés acima da idade de seis podem também ser capazes de entender que se você está visualmente conectado a uma situação, você está prestando atenção, e que ver leva a saber, enquanto não ver leva às pessoas a ignorância. Entretanto, não está claro se os chimpanzés estão usando um sistema complexo de regras ou se eles têm plenitude de seu processo cognitivo].

Essa consciência ou não do chimpanzé sobre seu próprio processo cognitivo me parece menos importante que a existência desse processo, mas esse é o tipo de erro de perspectiva que os leva, a O’Connell e a Baron-Cohen, a emitir juízos de valor sobre a teoria da mente em pessoas autistas - tema demasiado complexo para ser abordado na íntegra aqui, mas queremos deixar claro que não compartilhamos de suas perspectivas e conclusões. De qualquer forma é possível afirmar que, seguindo a perspectiva de Nagel (1974), somente um chimpanzé sabe como é ser um chimpanzé. Seguindo a mesma lógica, apenas

as vacas sabem como é ser uma vaca, mas isso não nos impede de imaginar, como Rosa o fez e como convida a fazer por meio da ficção.

Ler e escrever ficção, nesse contexto, se reafirmam como empreendimentos profundamente sociais que tem como princípio a mesma adaptação “imperfeita” presente em nossas interações sociais. Recriam a vida social real, a complexidade sociocognitiva, e nos permite desenvolver nossa capacidade de emergir em um complexo de pistas sociais que oportunizam a decodificação de sinais sociais, corpos, mentes, as atitudes e crenças, de grupos e de indivíduos, porque segundo a ciência cognitiva moderna tudo isso são aspectos e nomes diferentes do mesmo fenômeno - a autopoiese de Maturana e Varela. A construção que Guimarães Rosa faz das teorias da mente da vaca e do cavaleiro pode ser vista tanto como uma reprodução dos papéis sociais de vaqueiros e vacas reais, um acima do outro socialmente, como uma inversão de suas espécies biológicas, vaca e homem, e uma crítica à literatura tradicional que os coloca em oposição - para qual o exemplo maior na literatura brasileira é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Em Rosa, ambos atuam independentemente e influenciam um na vida do outro sem que seja necessária uma luta, física ou psicológica, entre os dois. Como diz Lisa Zunshine (2020) “The way I see it, neither pattern in and of itself says anything about the aesthetic value of the text, but the latter (i.e., the inverted correlation) is an indicator of a particular ideological agenda on the part of the writer, whether she is consciously aware of it or not” [Da maneira que vejo, nenhum padrão em si mesmo e por si mesmo diz algo sobre o valor estético de uma obra, mas o último (no exemplo dado, a correlação invertida) é um indicador de um objetivo ideológico específico por parte da escritora, esteja ela consciente ou não disso]. Ao adotar essa postura ideológica invertida Rosa está negando a tradicional visão entre ser humano racional e animal selvagem irracional, ao mesmo tempo em que emprega um enquadramento que nos é familiar: o menos favorecido socialmente que tem que saber sempre o que os outros estão pensando para poder tentar alcançar seus objetivos. Podemos, assim, pensar em um novo olhar para a junção que

Rosa faz na obra entre ser humano - animal - natureza, todos são iguais, o animal é o homem, o homem é o animal, os dois são a natureza, que se completam.

Nossa análise busca destacar esse aspecto de sua obra ao mostrar como ela resiste a uma discussão crítica a partir da ciência cognitiva moderna e se mantém atual, indo além, convidando a nós, seus leitores, a pensar sobre a experiência sensorial de como é ser uma vaca. Sem entender esse aspecto da obra, corremos o risco de seguir repetindo lugares comuns, engeguecidos como o vaqueiro, e não completamente conscientes de nossas capacidades cognitivas. E que se faça a luz.

Referências

BARON-COHEN, S. *Mindblindness: an Essay on Autism and Theory of Mind*. Boston: MIT, 1997.

CIRURGIÃO, A. *Sequência de Guimarães Rosa ou o Jogo do Amor e do Azar*. Luso-Brazilian Review, Vol. 23, No. 2, 1986, pp. 21-28. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3513237>. Acesso em 22 de maio de 2020.

CLARK, A. *BeingThere: PuttingBrain, Body, and the World Together Again*. Boston: MIT Press, 1999.

DAMASIO, A. *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. Nova Iorque: Harcourt, 1999.

DENNETT, D. C. *The Intentional Instance*. Boston: MIT P, 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. Nova Iorque: Ed. Basic Books, 2002.

FIUZA, F. *Metaphors We Laugh By: Rethinking Don Quixote and Amadis of Gaul Through Embodied Cognition And Carnival*. 2017. Tese (Doutorado). Purdue University, West Lafayette, 2017.

HOGAN, P. C. *Affective Narratology: The Emotional Structure of Stories*. University of Nebraska Press, 2011. JSTOR. Disponível em: www.jstor.org/stable/j.ctt1df4gnk. Acesso em 27 de Julho de 2020.

HOUAISS, A. (org.). *Dicionário Houaiss Conciso*. Ed. Mauro de Salles Villar. São Paulo: Moderna, 2011.

MANCING, H. Embodied Cognition and Autopoiesis in Don Quixote. Em: JAÉN, Isabel; SIMON, Julien Jacques. *Cognitive Approaches to Early Modern Spanish Literature*. Oxford: Oxford Press, 2016.

MATURANA, H.; VARELA, F. *The Tree of Knowledge: The Biological Roots of Human Understanding*. Rev. ed. Trans. Robert Paolucci. Foreword by J. Z. Young. Nova Iorque: Shambhala, 1992.

MOTTA, S. V. Sequência: a viagem do eterno retorno a uma paisagem mítica. *Revista de Letras*, Vol. 39, 1999, pp. 65-82. UNESP Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho Stable. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27666712>. Acesso em 22 de maio de 2020.

NAGEL, T. *What is like to be a bat?* The Philosophical Review, Vol. 83, No. 4, oct., 1974, p. 435-450. Disponível em: https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/iatl/study/ugmodules/humananimalstudies/lectures/32/nagel_bat.pdf. Acesso em: 30 de julho de 2020.

O'CONNELL, S. *Mindreading: An Investigation Into How We Learn to Love and Lie*. Londres: Doubleday, 1998.

RODRIGUES, M. C.; PIRES, L. G. Teoria da mente: Linguagem e contextos de desenvolvimento infantil. In: M. C. Rodrigues; T. M. Sperb (Orgs.). *Contextos de desenvolvimento da linguagem*. São Paulo: Vetor, 2010, p. 103-135.

ROSA, G. Sequência. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005 [1962], p. 107-111.

SALGUEIRO, W. Vermelho, de João Guimarães Rosa. *Rascunho*, Agosto de 2020, disponível: <https://rascunho.com.br/colunistas/sob-a-pele-das-palavras/vermelho-de-joao-guimaraes-rosa/> Acesso em Janeiro 2021.

THOMPSON, E. Autopoieses: The organization of the Living. Em: THOMPSON, Evan. *Mind in life: Biology, Phenomenology and the Sciences of Mind*. Boston: Harvard Press, 2007, p. 91-127.

TURNER, M. *The Literary Mind*. Nova Iorque: Oxford, 2013.

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E.. *The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience*. Boston: MIT Press, 1991, p. 185-214.

YERGEAU, M. *Authoring Autism: On Rhetoric and Neurological Queerness*. Durnham: Duke University Press, 2018.

ZUNSHINE, L. Mind reading and Social Status *Further Reading*, eds. Matthew Rubery and Leah Price. Oxford: Oxford University Press, 2020.

ZUNSHINE, L. *Theory of Mind as a Pedagogical Tool*. Interdisciplinary Literary Studies, Vol. 16, No. 1, ILS Special Issue, Cognition in the Classroom, 2014, p. 89-109.

ZUNSHINE, L. 1700 - 1775: Theory of Mind, Social Hierarchy, and the Emergence of Narrative Subjectivity. Em: *The emergence of mind: Representations of Consciousness in Narrative Discourse in English*. Ed. David Herman Frontiers. Lincon: University of Nebrascka Press, 2011, p. 161-186. In: <https://www.researchgate.net/profile/Lisa_Zunshine/publication/289398735_1700-1775_theory_of_mind_social_hierarchy_and_the_emergence_of_narrative_subjectivity.pdf> Acesso em 25 de maio de 2020.

ZUNSHINE, L. Why do we read fiction?. Em: ZUNSHINE, Lisa. *Why we read fiction: Theory of Mind and the Novel*. Columbia: Ohio State University Press, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=BtdB2CcXazEC&pg=PA17&lpg=PA17&dq=why+the+ready+fiction+pots=_nUOitruue> Acesso em 26 de maio de 2020.

Recebido em: 31 de julho de 2020.
Aprovado em: 28 de outubro de 2020.